



OCUPAR O TERRENO: REVISITANDO “ALÉM DOS SIGNIFICADOS DE MIRANDA:  
DES/SILENCIANDO O ‘TERRENO DEMONÍACO’ DA MULHER DE CALIBÃ”<sup>1</sup>

OCCUPYING THE TERRAIN: RE-ENGAGING “BEYOND MIRANDA’S MEANINGS:  
UN/SILENCING THE ‘DEMONIC GROUND’ OF CALIBAN’S WOMAN”

Carole Boyce-Davies

Universidade de Cornell (UC/EUA)

historiaoesteaficana@gmail.com

**Resumo:**

Este artigo é uma revisita ao texto de Sylvia Wynter, intitulado originalmente “Beyond Miranda’s Meanings: Un/Silencing the ‘Demonic Ground’ of Caliban’s Woman” [Além dos Significados de Miranda: Des/Silenciando o ‘terreno demoníaco’ da Mulher de Calibã], e que figura como posfácio do livro *Out of the Kumbla: Caribbean Women and Literature*, publicado originalmente em 1990. Esse livro representa a primeira coletânea de textos voltados especificamente para o estudo da produção e das trajetórias de escritoras afro-caribenhas. A discussão proposta gira em torno do posfácio de Wynter, e de sua apresentação do conceito de “terreno demoníaco” (*demonic ground*) como ferramenta para pensar a presença/ausência da mulher negra no interior das epistemes dominantes da modernidade.

**Palavras-chave:** Sylvia Wynter; Estudos de gênero; Intelectuais negras; Escritoras caribenhas.

**Abstract:**

This paper is a reengagement of Sylvia Wynter’s work originally titled “Beyond Miranda’s Meanings: Un/Silencing the ‘Demonic Ground’ of Caliban’s Woman”, which appears as an Afterword to the book *Out of the Kumbla: Caribbean Women and Literature*, first published in 1990. This book represents the first collection of texts aimed specifically at the study of Afro-Caribbean women writers. The proposed discussion revolves around Wynter’s Afterword, and its presentation of the concept of “demonic ground” as a tool for thinking about the presence/absence of black women within the dominant epistemes of modernity.

**Keywords:** Sylvia Wynter; Gender studies; Intellectual black women; Caribbean writers.

Esse terreno, quando totalmente ocupado, será o de uma nova ciência do

<sup>1</sup> A autora e a revista autorizaram a tradução para o português e a sua publicação. Tradução de Raissa Brescia dos Reis (Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Taciana Almeida Garrido de Resende (Professora do Instituto Federal de Minas Gerais). Agradecemos à Profa. Vanicléia Silva Santos (University of Pennsylvania), pela interlocução com a autora e a leitura da versão final da tradução.

discurso humano, da "vida humana", para além do "discurso mestre" de um "texto privilegiado" governante, e suas sub/versões. ("Beyond Miranda's Meanings", 1990, 366)

Anos atrás, quando estávamos no processo de organização de *Out of the Kumbla: Caribbean Women and Literature* [Fora de Kumbla: mulheres caribenhas e literatura] (1990), conheci Abdul Jan Mohammed<sup>2</sup> em um encontro na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e contei a ele sobre o livro que estava prestes a ser publicado, como fazemos em uma conversa quando somos perguntados sobre projetos em andamento. Sua reação foi imediatamente positiva. Mas, mais importante, ele sugeriu que eu entrasse em contato com Sylvia Wynter e pedisse sua contribuição, especialmente porque ela havia sido recentemente criticada, em uma conferência na Califórnia, por não tomar uma posição feminista contundente.<sup>3</sup> Ele sentia que Wynter talvez tivesse sido mal interpretada e que essa seria uma boa oportunidade para ela colocar suas ideias em circulação.

No começo, senti que Sylvia Wynter estava muito além do nosso projeto. Seu romance, *The Hills of Hebron* [As colinas de Hebron] (1962), foi um dos primeiros livros de uma escritora caribenha que encontrei na biblioteca de Trinidad, durante minha infância. Além disso, significativamente, durante meus dias como estudante de pós-graduação em Estudos Africanos na Howard University, no curso "Panafrikanism", do professor C.L.R. James, eu me sentei ao lado de meu querido amigo Kenneth Forde, que era membro de um grupo informal de estudantes de esquerda e pan-africanistas em Howard, todos apaixonados, e alguns até discípulos de James. Estudando literatura africana com interesses acadêmicos e políticos próximos, participei com entusiasmo da aula de James sempre que pude, principalmente um dia quando Ken me disse que haveria uma oradora convidada a qual eu deveria ouvir. Era Sylvia Wynter e ela se tornou naquele momento a primeira mulher caribenha estudiosa do poder intelectual que eu conheci.

---

<sup>2</sup> Jan Mohammed é um professor na UC-Berkeley, autor de *Manichean Aesthetics: The Politics of Literature in Colonial Africa* [Estéticas maniqueístas: políticas de literatura na África colonial], posteriormente, coeditor com David Lloyd de *The Nature and Context of Minority Discourse* [A natureza e o contexto do discurso da minoria] e cofundador da revista *Cultural Critique*. Eu o conheci devido a nossa participação em conferências da Associação de Literatura Africana.

<sup>3</sup> Ao que tudo indica, e com base no contexto histórico, esse embate em particular teria sido uma resposta ao seu trabalho "Beyond Liberal and Marxist Leninist Feminisms: Towards an Autonomous Frame of Reference" [Além dos feminismos liberais e marxistas-leninistas: rumo a um quadro autônomo de referência], um artigo apresentado para a sessão "Feminist Theory at the Cross-roads" [Teoria feminista na encruzilhada], realizada por ocasião da Conferência Anual da Associação Sociológica Americana, em São Francisco, em setembro de 1982. Com o devido agradecimento a Gregory Thomas por compartilhar este ensaio.

Anos depois, não muito tempo após eu ter começado a trabalhar na Universidade de Binghamton (SUNY), um dos meus colegas, William V. Spanos, havia editado *boundary 2*, no qual um de seus ensaios, “The Ceremony Must Be Found: After Humanism” [A cerimônia precisa ser encontrada: Após humanismo], havia sido publicado, em 1984.<sup>4</sup> Lembro-me dele me perguntando certa vez se eu estava familiarizada com o trabalho de Wynter e, quando indiquei que estava, ele compartilhou comigo o ensaio então recentemente publicado. Obviamente, o texto exigiu múltiplas leituras e uma noção adjacente de que seu significado completo estava para além do nosso alcance.

Sendo assim, consultei minha coeditora, Elaine Savory Fido, seguindo a sugestão de Jan Mohammed, bastante animada, e imediatamente decidimos perguntar a Sylvia Wynter se ela escreveria o posfácio para o que foi a primeira coleção editada de obras críticas voltadas para escritos de mulheres caribenhas. Sentimos na ocasião que esta seria para ela uma boa maneira de esclarecer sua postura e que, precisamente por ser tanto escritora quanto acadêmica, sua intervenção seria uma maneira adequada de indicar nosso intuito com aquela obra coletiva. Wynter gentilmente aceitou o convite.. Assim que recebemos todos os ensaios que compunham o livro, submetemo-los a ela e esperamos pacientemente por sua contribuição. Sugestivamente, Wynter mencionou, durante o período de perguntas e respostas que se seguiu a sua palestra, “Why We Cannot Save Ourselves in a Woman's Manner”, na 1ª Conferência Internacional sobre as Mulheres Escritoras do Caribe falante de inglês [1<sup>st</sup> *International Conference on the Women Writers of the English-speaking Caribbean*], realizada na Wellesley College, em 1988, que esta coleção lhe gerou muitas reflexões. De várias formas, esta palestra cobriu o mesmo terreno que o ensaio que nos foi entregue ao final das contas. Quando o ensaio chegou, tinha mais de noventa páginas, longo demais para um posfácio, e estava carregado com o que entendíamos serem referências densas, muitas das quais não diziam respeito à intenção da coleção.

Alguns colegas que foram colaboradores da obra manifestaram interesse em ver este longo

---

<sup>4</sup> Veja também o final do livro mais recente, *The Ceremony Found: Towards the Autopoietic Turn/Overtturn, its Autonomy of Human Agency and Extraterritoriality of (Self-)Cognition* [A descoberta da cerimônia: em direção à virada/revirada autopoética, sua autonomia da agência humana e a extraterritorialidade da (auto-)cognição] que foi o discurso principal em uma conferência dada em Bremen, Alemanha, em 2009, na qual Wynter começou indicando o periódico *boundary 2*. Bill Spanos, cuja longa atuação como editor de *boundary 2* terminou com seu falecimento, em 29 de dezembro de 2017, é reconhecido aqui, acima de tudo, por um tipo de útil colegialidade progressista, além de sua presença intelectual.

ensaio. Lemuel Johnson, então na Universidade de Michigan, na cidade de Ann Arbor, afirmou que conhecia bem o trabalho da autora e que iria se esforçar para encontrar uma maneira de reduzir o texto para um tamanho adequado a um posfácio, com a permissão de Wynter. Ele leu o texto, mas no final indicou que não era capaz de encontrar nenhuma maneira apropriada de realizar o que propusera. Outra colega, partindo de sua experiência estudantil na Universidade das Índias Ocidentais-Mona, indicou raivosamente que ela estava angustiada com o fato de Wynter sempre ter sido incapaz de encontrar uma maneira de responder de forma sucinta a qualquer demanda, como se via particularmente pelo volume do texto. É importante acrescentar que, ao longo do ano que se seguiu após tê-la conhecido, Wynter foi considerada como ininteligível ou muito densa por uma série de estudiosos caribenhos. Por exemplo, na Conferência da Associação de Escritoras e Acadêmicas do Caribe, realizada em Trinidad (1990), enquanto fazia um discurso no auditório, ela foi colocada literalmente entre dois estudiosos homens, Wilfred Cartey<sup>5</sup> e Selwyn Cudjoe, organizador da primeira Conferência de Escritoras e Acadêmicas do Caribe, em Wellesley, para que estes conduzissem e interpretassem a complexidade de seu pensamento. Lembro-me de ter sido a única disposta a se levantar na ocasião para fazer uma forte crítica, embora com a voz trêmula, do que eu vi se desenrolando naquele fórum como uma tentativa visível de conter a expressão desta estudiosa negra do Caribe, que eu respeitava e admirava, em sua completude. Discuti o assunto posteriormente com bell hooks, que corroborou minha resposta e viu o ocorrido precisamente como uma performance de silenciamento ou de subjugação de uma mulher negra poderosa.

Nossa introdução a *Out of the Kumbala*, “Women and Literature in the Caribbean: An Overview” [Mulheres e Literatura no Caribe: Uma Visão Geral], tinha sugestivamente apresentado uma argumentação crítica que fazia referência à própria Wynter como uma das pessoas invisibilizadas devido à desatenção às mulheres no interior do *corpus* literário caribenho:

Até recentemente, pesquisas de literatura caribenha raramente mencionavam mulheres. C.L.R. James lamentou, no final da década de 1970, que as mulheres negras do Caribe “não estavam escrevendo”. Ele só conseguiu recomendar uma escritora na época. Mesmo grandes

---

<sup>5</sup> Wilfred Cartey (1931-1992), de Trinidad, e autor de *Whispers from a Continent* [Sussurros de um continente] (1971), posteriormente professor da Universidade de Columbia, foi meu professor de pós-graduação e dava palestras para estudantes do Programa de Estudos Africanos e Pesquisa da Howard University. Cartey disse-me, então, que eu estava prejudicando a ordem. Levantei-me novamente para dizer que uma conferência de escritoras, em Trinidad, de onde eu sou, era o único lugar no qual eu nunca poderia estar prejudicando a ordem. Ele me ligou depois para dizer que estava satisfeito por eu ter me levantado para enfrentar aquele arranjo.

estudiosas, como Sylvia Wynter, a escritora identificada e descrita por C.L.R. James como dona de um “intelecto que não é superado por ninguém no Caribe” (James, 1979), não tinham um contexto político favorável e o apoio para abordar, no interior da teoria, questões sobre as mulheres, ainda que, por meio de seu trabalho, sua presença e suas articulações o ponto tenha sido levantada (BOYCE DAVIES; FIDO, 1990: p. 12).

Para ser honesta, grande parte de “Beyond Miranda’s Meanings” [Além dos significados de Miranda], em sua versão original, construiu sua argumentação com o apoio de uma série de referências filosóficas europeias. No final, minha coeditora e eu decidimos usar apenas a primeira seção e a conclusão do longo ensaio (as seções constituintes do corpo do texto são argumentos de apoio já disponíveis em outros ensaios) e assim manter o espírito do posfácio, que foi a resposta mais direta a esse primeiro livro sobre a escrita feminina caribenha que tivemos. Nossa nota ao texto explicava: “Esta é a primeira seção de um manuscrito bem mais longo, que não poderia ser incluído aqui em sua totalidade, e que foi gerado, em parte, pela nossa demanda por esse posfácio” (BOYCE DAVIES; FIDO, 1990: p. 355).

É nesse ensaio que Wynter implementa e explica o conceito de “terreno demoníaco” que desde então foi rearticulado de diferentes maneiras. No texto, o “terreno demoníaco” é definido como o espaço “fora do nosso atual sistema hegemônico de significado, ou teoria/ontologia”. Em “Beyond Miranda’s Meanings”, Wynter também aponta que a variável “raça” complica qualquer leitura de gênero de forma isolada e fornece diferenças definidoras. Para ela, *A Tempestade*, de William Shakespeare, é a obra que estabelece melhor essas categorias ao indicar Calibã como o sujeito monstruoso, irracional e nativo e efetuar simultaneamente a inscrição da “mulher de Calibã” em um espaço de não existência, mesmo no nível do desejo de Calibã. *A Tempestade* reencena as estruturas de presença e ausência de gêneros racializados, fundadoras da sociedade ocidental:

Em lugar algum da peça de Shakespeare e em seu sistema de produção de imagens, que seria fundamental para o surgimento da primeira configuração de um sistema mundial secular, nosso atual sistema mundial ocidental, a companheira de Calibã aparece como um modelo alternativo de desejo sexual-erótico; como fonte alternativa de um sistema alternativo de significados (WYNTER, 1990: p. 360).

Só nos resta então os significados de Miranda como a gênese de um feminismo ocidental ou, no mínimo, como a voz de uma mulher branca em relação aos princípios fundadores do colonialismo. Essa ausência ontológica da mulher de Calibã é a ausência ontológica da mulher negra, da mulher nativa e de sua população em sistemas de articulação.

Wynter se encontrava no processo de esclarecer – como havia começado a fazer em seu

ensaio, “Beyond Liberal and Marxist Leninist Feminisms: Towards an Autonomous Frame of Reference”, de 1982 – que:

Na esteira dos anos sessenta, mulheres ativistas haviam cessado o ‘eco’ anterior do pensamento marxista e tinham redefinido a Questão da Mulher como um problema voltado para suas próprias preocupações, em vez de ser, como antes, um subconjunto do que poderia ser chamado de Questão Trabalhista (WYNTER, 2003: p. 312).

Para ela, porém, sempre foram os “múltiplos movimentos relacionados a essas questões que geralmente eclodiram em lutas políticas e sociais concretas em todo o mundo...” (WYNTER, 2003: p. 312). Uma das fontes identificadas de seu argumento, Antonio T. de Nicolas (1980), havia escrito um pequeno ensaio de revisão no qual ele havia afirmado que:

Em última análise, parece que, do ponto de vista biológico, homens e mulheres nunca foram uma coisa em particular ou tiveram qualquer natureza particular para amarrá-los metafisicamente. Do ponto de vista biológico, os humanos tornam-se, por meio de seus poderes de personificação, uma multiplicidade de teorias que se tornaram humanas porque o homem tem a capacidade de transformar a teoria em carne (DE NICOLAS, 1980: p. 225).

Essa linha de pensamento, portanto, está no centro do argumento de Wynter de que “gênero (*genre*) é apenas um dos meios pelos quais o ser humano é constituído”<sup>6</sup> e que, dessa forma, focar nas mulheres em detrimento de todas as outras identidades preteridas perde de vista o argumento maior sobre como o homem ocidental se instituiu como parâmetro de ser humano universal.

Possivelmente a primeira crítica a este ensaio vem de Natasha Barnes, também uma mulher caribenha, que, partindo de sua definição de Wynter como uma “matriarca relutante”, começa com a seguinte pergunta: “Por que os movimentos nacionalistas dos anos 1950 e 1960 não inauguram uma política de identidade progressista na qual gênero, bem como raça podem ser categorias igualmente relevantes de resistência anticolonial? (BARNES, 2006: p. 135).” Em sua leitura, Barnes viu Sylvia Wynter “de pé na encruzilhada, na conjuntura entre o feminismo e o nacionalismo” (BARNES, 2006: p. 136), mas sua principal acusação foi a estranha alegação de que “a relutância de Wynter em ser identificada como uma intelectual feminista... deixa-a virtualmente sozinha como a única estudiosa feminina da região que permanece impassível diante de políticas de identidade feministas.” Barnes argumenta ainda que Wynter perde a oportunidade de articular diretamente uma

---

<sup>6</sup> Aqui, a autora dialoga com o texto de Gregory Thomas, “Yours in Intellectual Struggle”, de 2009.

afirmação feminista, o que ela assume ser o que as organizadoras de *Out of the Kumbla* queriam. Para ser clara, e ao contrário do que argumenta Barnes, o que foi admirável para nós como organizadoras de *Out of the Kumbla* é que o posfácio nos empurrou para "além" das estruturas feministas ocidentais de gênero, afirmando e, em seguida, metodicamente excedendo os termos discursivo-ideológicos desta coleção.

Como uma das editoras desse já clássico livro, visto como inaugural para todo um campo de investigação sobre os temas listados em seu subtítulo, *Mulheres e Literatura do Caribe*, e como a responsável por ter solicitado a contribuição de Wynter, é importante admitir que a intenção nunca foi exigir fidelidade a uma posição feminista caribenha, ainda bastante inicial naquele momento, de qualquer uma das pessoas que contribuíram como autoras, mas, sim, criar uma abertura. Ainda que nós tenhamos, enquanto organizadoras, partido de posições feministas e levantado essa discussão no prefácio, "Talking it Over: Women, Writing and Feminism" (BOYCE DAVIES; FIDO, 1990: p. ix-xx), sentimos que em uma primeira coleção sobre mulheres e escrita, a ideia deveria ser dar espaço para uma variedade de articulações de escritoras e estudiosas caribenhas. E, na medida em que Wynter encarnava ambas as identidades e era claramente da estatura de alguém cujo trabalho queríamos apresentar, ela era a pessoa apropriada para escrever um posfácio que realmente nos levaria "além dos significados de Miranda" (*Beyond Miranda's Meanings*).

O fato é que este ensaio ajudou a inaugurar a segunda ou terceira onda de produções acadêmicas sobre Wynter, criando novos leitores entre uma segunda e agora terceira geração de estudantes de pós-graduação. O texto se inicia pela contradição implícita na intenção da coleção em abordar a raça como a variável que desafia continuamente o discurso do feminismo a partir da já implícita presunção de se tratar de um discurso ocidental/euroamericano:

(...) o ponto central que quero destacar neste posfácio é que a contradição inserida no consolidado campo de significados da ostensivamente "universal" teoria do feminismo por meio da variável "raça", e explicitamente expressa pelas qualificações de "mulherista" e "de situação de encruzilhada" desses ensaios, apontam para a emergente "queda" do nosso atual "modo escolar de pensamento" e de seu sistema de "conhecimento positivo" herdado do século XIX e da época industrial, da qual foi o modo ou a racionalidade possibilitadora e a epistemologia participativa, e que isso acontece da mesma forma pela qual a teoria feminista tinha, anteriormente, inserido a contradição da variável gênero nas teorias ostensivamente "universais" do Humanismo Liberal e do Marxismo-Leninismo (WYNTER, 1990: p. 357).

A partir deste argumento, o ensaio começa a articular a teoria do humano de Wynter,

demonstrando como o “homem” ocidental se instituiu enquanto “Homem”, em oposição a uma série de outros definidos como “nativos”. Para Wynter, esse movimento principal que subordina o mundo enquanto “outros não-selecionados” (*deselected others*) tem maior importância do que a distinção anatômica de gênero entre masculino/feminino que o feminismo faz. Esse ponto em particular tem sido o argumento central do *corpus* formado pelos subsequentes escritos de Wynter, rearticulado de muitas maneiras diferentes pela própria autora e por uma série de outros estudiosos.

A escolha de *A Tempestade* é significativa aqui, pois Calibã passou a figurar como a representação do sujeito nativo africano e arawak (indígena) despossuído, usado e reutilizado no discurso anticolonial caribenho e latino-americano. Para Wynter, Miranda, embora mulher, torna-se, assim como a mulher branca, uma participante representativa do projeto colonial que classifica Calibã como o nativo, selvagem, bruto “nesta nova ordem secular [que] auto regula suas hierarquias sócio sistêmicas, incluindo as de gênero, classe, preferência sexual, cultura” (WYNTER, 1990: p. 359). Além disso, mesmo a mãe ausente de Calibã está simbolicamente presente, implícita em Sycorax, que Calibã menciona: “Esta ilha é minha, pois a herdei de Sycorax, minha mãe, e tu a roubaste de mim.”<sup>7</sup> Portanto, é a mulher de Calibã, a mulher negra, a mulher caribenha, a mulher nativa que permanece ausente. Como alternativa, o desejo é deslocado para Miranda e, simultaneamente, apaga a possível futura progenitura de Calibã ao instituir o controle pela “descendência do Senhor” (*master population*).<sup>8</sup> Assim, para Wynter, “a ausência da mulher de Calibã é, portanto, uma ausência ontológica, ou seja, central para o novo esquema narrativo secularizador de regulação do comportamento” (WYNTER, 1990: p. 361) que também “funciona para negar ontologicamente sua progenitura/grupo populacional”<sup>9</sup> (WYNTER, 1990: p. 362).

---

<sup>7</sup> Nota das tradutoras: Citação em português feita a partir da tradução de Beatriz Viégas-Faria, de *A tempestade*, publicada em 2009 (SHAKESPEARE, 2009: p. 27).

<sup>8</sup> Nota das tradutoras: Aqui, optamos por manter a expressão em inglês, entre parêntese, para deixar evidente o duplo sentido da escolha da autora. Entendemos que, ao falar em “*master population*”, Wynter o faz no sentido do ato de povoar e não somente ao substantivo população ou povo. Ao se referir aos dois significados, a autora reforça a lógica de seu argumento de que a única população colonial que goza de valor ontológico, uma vez que é considerada verdadeiramente humana, é a que surge da ação reprodutiva do Senhor, tornando-se sua descendência, sua prole, ou seja, o grupo colonizador.

<sup>9</sup> Nota das tradutoras: Assim como no caso anterior, mantivemos os termos originais, “*progeny/population group*”, como uma forma de tornar visível ao leitor a dualidade do original. Optamos em manter, nesse caso, uma tradução literal por entendermos que o jogo de palavras entre progenitura e grupo populacional, no inglês e também no português, é uma construção necessária para a compreensão do argumento de Wynter destacado pela autora nessa passagem. A

Wynter viu então uma “insuficiência de todos os modelos teóricos interpretativos existentes para ‘expressar’ o até então silenciado terreno da experiência das mulheres ‘nativas’ do Caribe e das mulheres negras americanas enquanto terreno da mulher de Calibã, e para decodificar o sistema de significados desse outro discurso” (WYNTER, 1990: p. 363). É este o terreno demoníaco, externo ao "campo consolidado" do nosso modo atual de ser/sentir/saber, bem como dos múltiplos discursos que são seus sistemas regulatórios de significado.

Na verdade, mais do que apenas expressar a voz até agora silenciada da mulher "nativa", nós devemos nos perguntar: Qual é a função sistêmica de seu próprio silenciamento, tanto enquanto mulher e, de forma mais completa, quanto mulher “nativa”? A que forma do discurso pertence, enquanto função imperativa, essa ausência de fala tanto da mulher (discurso masculinista) quanto da mulher “nativa” (discurso feminista)? (WYNTER, 1990: p. 365).

Na minha opinião, o ensaio de Wynter cumpriu a intenção de sua inclusão, pois, desde então, instituiu a localização de seu discurso sobre o humano no centro dos projetos intelectuais atuais, com argumentos aliados que criticaram a tendência de limitar as análises tanto a raça quanto ao gênero, ou classe, ou mesmo de lê-las como "interseccionalizadas" em vez de levar em consideração o quadro maior, ou seja, a maneira como o homem ocidental constituiu-se como bio-econômico. Em outras palavras, apoiar ou avançar uma posição feminista e/ou de gênero, para Sylvia Wynter é apenas uma dimensão de um conjunto muito maior de engajamentos. Isso foi comprovado recentemente pelas maneiras pelas quais a colonialidade precisou ser reintroduzida nos debates.

Ao responder ao seu manuscrito inédito de 900 páginas, “Black Metamorphosis” [Metamorfose negra], Nijah Cunningham descreve o *status* de Wynter no campo da seguinte forma:

Nos últimos anos, Wynter tornou-se uma das mais irresistíveis pensadoras do radicalismo negro e da política anticolonial. Sua crítica formidável ao humanismo ocidental em suas configurações normativas da vida humana revitalizou debates filosóficos nos estudos negros, nos estudos étnicos críticos, na crítica pós-colonial e na teoria feminista negra em torno tanto do projeto histórico de descolonização como do estatuto ontológico da negritude no mundo moderno. (CUNNINGHAM, 2016: p. 119)

Embora não fosse incomum em uma variedade de contextos profissionais ver Wynter ser

---

negação da possibilidade da existência da progenitura de Calibã na peça *A Tempestade*, que partiria, para Wynter, da ausência de uma representante da mulher colonizada, significaria a negação ontológica do Outro, própria à constituição discursiva da modernidade. Ao se negar a prole de Calibã, pela anulação da mulher colonizada, o que se estaria negando seria todo um grupo populacional, sendo esse grupo formado pelas populações colonizadas, mais especificamente as caribenhas, diretamente relacionadas tanto à escrita de *A Tempestade* quanto à produção intelectual de Sylvia Wynter.

atacada por estudiosos mais nacionalistas por “estar atolada em seu próprio discurso”<sup>10</sup> ou por estudiosas feministas, como já apontado aqui, por não assumir a posição de “matriarca”, na verdade, a crítica era a sua recusa a comprar o discurso típico, fosse ele do nacionalismo racializado, de esquerda ou feminista. Uma nova geração de estudiosos que saiu da pós-graduação carregado de leituras pós-modernistas ocidentais e continuou a considerá-las incapazes de abordar a subjetividade negra, tem ferramentas para ler Wynter de forma diferente. A autora, por sua vez, também declarou que ela achava que Marx tinha uma análise apenas “parcialmente certa”.<sup>11</sup> Talvez uma das melhores articulações de seus posicionamentos esteja disponível em seu “Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom: Towards the Human, After Man, Its Overrepresentation – An Argument” [Deslocando a colonialidade de ser/poder/verdade/liberdade: em direção ao humano, depois do homem, sua super-representação – um argumento] (2003), apresentado primeiro no Grupo de Leitura da Colonialidade, da Universidade de Binghamton.<sup>12</sup>

O que é fascinante desde a publicação do posfácio é a forma como o conceito de “terreno demoníaco” (*demonic ground*) foi empregado. A começar com *Demonic Grounds: Black Women and the Cartographies Of Struggle* [Terrenos demoníacos: Mulheres negra e as cartografias do embate] (2006), de Katherine McKittrick, que indicou Sylvia Wynter como fonte teórica e dedicou um capítulo inteiro para delinear os “terrenos demoníacos” como parte de seu trabalho sobre geografias negras. Depois de identificar a importância de Wynter como estudiosa e teórica, McKittrick afirma que, por seu interesse em questões ligadas à geografia, a formulação de terrenos demoníacos de Wynter permite abordar:

(...) as maneiras pelas quais o espaço e o lugar impactam o conhecimento, os objetivos políticos subalternos e a superrepresentação (*overrepresentation*) do Homem, seu trabalho está ancorado em “terrenos” múltiplos e em multiescalas – terrenos demoníacos, o espaço da

---

<sup>10</sup> Argumento usado durante a Walter Rodney Conference, na Universidade de Binghamton, em 1998.

<sup>11</sup> Cito essa passagem em meu trabalho *Left of Karl Marx: The Political Life of Black Communist Claudia Jones* [à esquerda de Karl Marx: A vida política da comunista negra Claudia Jones] (2008).

<sup>12</sup> O Coloniality Reading Group teve como projeto uma série de articulações que abriu a porta para os discursos “decoloniais” e foi o palco das primeiras apresentações de Aníbal Quijano, Sylvia Wynter e uma série de outros estudiosos. Walter Mignolo participou de algumas dessas sessões e depois disso escreveu seus ensaios sobre “decolonialidade”. Alguns dos ensaios dos participantes, como o de Wynter, foram publicados na *The New Centennial Review* (2003), editada por Greg Thomas. É significativo que este tenha sido um grupo organizado por e com estudantes de pós-graduação e alguns professores na Universidade Binghamton, como o próprio Greg Thomas, a fim de aprender com, mas também ir além do paradigma dominante de Sistema Mundo, e capturar a crítica da colonialidade que está sendo perdida no rápido avanço da pós-colonialidade.

---

Alteridade, os motivos de ser humano, arquipélagos da pobreza, arquipélagos de Alteridade humana, *les damnés de la terre*/os condenados da terra, a linha de cor, *terra nullius*/terras de ninguém (MCKITTRICK, 2006: p. 157).

E, em uma leitura atenta do argumento de Wynter, ela ressalta a localização da mulher negra conforme articulada pela autora, através da mulher negra ausente, mas também a partir do que ela define como “geografias das mulheres negras”. Para McKittrick, o que Wynter oferece é um espaço para repensar as complexas ligações entre história, negritude, raça e lugar. (MCKITTRICK, 2006: p. 143)

De forma semelhante, na obra *Habeas Viscus*, Alexander G. Weheliye é claro ao aplicar a teoria do humano de Wynter, conceitualmente, ao longo de seu trabalho. Para Weheliye, “*Terreno Demoníaco* é o termo de Sylvia Wynter para perspectivas que residem nas margens das atuais configurações hegemônicas do humano como Homem, a fim de abolir essa figuração e de criar outras formas de vida”. (WEHELIY, 2014: p. 21) Para ele, Wynter articula suas posições a partir dos Estudos Negros e do Caribe, “a cena primordial da longa colonização moderna das Américas”. (WEHELIY, 2014: p. 29)

Cunningham, que afirma que “Wynter se tornou um dos pensamentos mais irresistíveis do radicalismo negro e da política anticolonial” (CUNNINGHAM, 2016: p. 119), por sua vez, mapeia o *daemonic* através de Walter Benjamin – “os mistérios e elementos assustadores que irrompem dentro da esfera do estético” (CUNNINGHAM, 2016: p. 113). Para o autor, “o que distingue o *daemonic* da brilhante formulação de Wynter de ‘terreno demoníaco’ é como este último está preocupado com a função sistemática da ‘ausência ontológica’ de uma posição feminina negra dentro das epistemes dominantes do mundo moderno” (CUNNINGHAM, 2016: p. 116).

No final, Wynter conclui que a tarefa é que esses outros silenciados falem, mas também que possam responder por seu discurso: o “demoníaco” e agora não silenciado espaço trans-“ismos” da mulher de Calibã (WYNTER, 1990: p. 366). Curiosamente, esses “trans-ismos” auxiliam no não silenciamento de uma série de outros sujeitos também consignados à ausência. As teorias de Wynter parecem ter esperado por todos esses projetos agora não silenciados. O trabalho de C. Riley Snorton (2017) sobre identidades trans é ilustrativo e reconhece claramente a influência de Wynter, por via do princípio sociogênico de Fanon:

O conjunto de materiais e minhas leituras são profundamente influenciados pelo

pensamento de Sylvia Wynter sobre o potencial transformador da sociogênese, sobre a qual ela escreveu como um chamado às armas... Considerando o seu chamado, minha análise aqui está particularmente atenta às possibilidades de valorizar – sem necessariamente redimir – diferentes formas de conhecer e de ser, na medida em que estas estão voltadas para o ato de reviver e de inventar estratégias para habitar mundos inabitáveis. (SNORTON, 2017: p. 7)

Para Sylvia Wynter, porém, sempre havia sido os “múltiplos movimentos relacionados a essas questões que mais eclodiram em lutas políticas e sociais concretas em todo o mundo...” (WYNTER, 2013: p. 312). O chamado para uma “segunda autoafirmação, capaz de responder ao novo imperativo metafísico... uma segunda mutação epistemológica” (WYNTER, 1990: p. 365), uma “segunda contra afirmação” (WYNTER, 1990: p. 366), foi ouvido.

### Referências bibliográficas

BARNES, Natasha. Reluctant Matriarch: Sylvia Wynter and the Problematics of Caribbean Feminism, *Small Axe* 5, 1999, p. 34-47.

BARNES, Natasha. Reluctant Matriarch: Sylvia Wynter and the Problematics of Caribbean Feminism. In: *Cultural Conundrums. Gender, Race, Nation and the Making of Caribbean Cultural Politics*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2006, p. 135-173

BOYCE DAVIES, Carole; FIDO, Elaine Savory. Introduction: Women and Literature in the Caribbean. An Overview. In: *Out of the Kumbla. Caribbean Women and Literature*. Trenton, New Jersey: Africa World Press, 1990, p. 1-24.

BOYCE DAVIES, Carole. *Left of Karl Marx: The Political Life of Black Communist Claudia Jones*. Durham: Duke University Press, 2008.

CUNNINGHAM, Nijah. The Resistance of the Lost Body. *Small Axe*, 20:1, março, 2016, p. 113-128.

DE NICOLAS, Antonio T. Notes on the Biology of Religion. *Journal of Social and Biological Structures*, 3, 1980, p. 219-225.

MCKITTRICK, Katherine. *Demonic Grounds: Black Women and the Cartographies of Struggle*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

SHAKESPEARE, William. *A tempestade*. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2009

SNORTON, C. Riley. *Black on Both Sides: A Racial History of Trans Identity*. Minnesota: University of Minneapolis Press, 2017.

THOMAS, Gregory; WYNTER, Sylvia Wynter. Yours in Intellectual Struggle. In: ABRAHAM, Keshia (ed.). *The Caribbean Woman Writer as Scholar: Imagining, Creating, Theorizing*. Coconut Creek, Florida: Caribbean Studies Press, 2009, p. 31-70.

THOMAS, Gregory. Sex/Sexuality & Sylvia Wynter's "Beyond...": Anti-Colonial Ideas In "Black Radical Tradition". *Journal of West Indian Literature*, 10, novembro 2001, p. 92-118.

WEHELIYE, Alexander G. *Habeas Viscus: Racializing Assemblages, Biopolitics and Black Feminist Theories of the Human*. Durham and London: Duke University Press, 2014.

WELCH, Anthony L. Wisdom: An Interview with C.L.R. James. In: BELL, Rosean; PARKER, Bettye; GUY-SHEFTALL, Beverly (eds). *Sturdy Black Bridges: Visions of Black Women in Literature*. New York: Anchor Books, 1979, p. 261.

WYNTER, Sylvia. The Ceremony Must Be Found: After Humanism. *boundary 2*, 12:3 &13:1, 1984, p. 19-70.

WYNTER, Sylvia. Beyond Liberal and Marxist Leninist Feminisms: Towards an Autonomous Frame of Reference. Apresentado na sessão "Feminist Theory at the Cross-roads", realizada por ocasião da Annual Conference of the American Sociological Association, em San Francisco, em setembro de 1982. Copyright Sylvia Wynter, Sept. 7, 1982. (Manuscrito não publicado e de posse da autora).

WYNTER, Sylvia. Why We Cannot Save Ourselves in a Woman's Manner. First International Conference on Women Writers of the English-speaking Caribbean - Atas, Wellesley College, 1988.

WYNTER, Sylvia. Beyond Miranda's Meanings: Un/Silencing the 'Demonic Ground' of Caliban's 'Woman'. In: *Out of the Kumbla: Caribbean Women and Literature*. Eds. BOYCE DAVIES, Carole; FIDO, Elaine Savory (eds.). Trenton, New Jersey: Africa World Press, 1990, p. 355-371.

WYNTER, Sylvia. Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom: Toward the Human, After Man, Its Overrepresentation—An Argument. *The New Centennial Review* 3, n. 3, 2003, p. 257-337.

WYNTER, Sylvia. The Ceremony Found: Towards the Autopoetic Turn/Overtturn, its Autonomy of Human Agency and Extraterritoriality of (Self-)Cognition. In: AMBROISE, Jason R.; BROECK, Sabine (ed.). *Black Knowledges/Black Struggles: Essays in Critical Epistemology*. Liverpool: Liverpool University Press, 2015.

\*\*\*

**Sobre a autora:**

**Carole Boyce-Davies:** Professora de Estudos Africanos e Inglês na Universidade de Cornell. Autora

do premiado *Left of Karl Marx. The Political Life of Black Communist Claudia Jones* (2008) e do clássico *Black Women, Writing and Identity: Migrations of the Subject* (1994), sua monografia mais recente é *Caribbean Spaces. Escape Routes from Twilight Zones* (2013), que trata da questão da migração transnacional e da internacionalização da cultura caribenha. Além de mais de cem ensaios em revistas, artigos e verbetes de enciclopédia, a Dra. Boyce Davies também publicou mais de doze edições críticas sobre literatura e cultura africanas, da Diáspora africana e do Caribe, incluindo a *Encyclopedia of the African Diaspora* (2008), em 3 volumes. Seu novo projeto é um estudo sobre mulheres negras e liderança política na Diáspora africana.

\*\*\*

**Artigo recebido para publicação em:** 11 de janeiro de 2021.

**Artigo aprovado para publicação em:** 15 de março de 2021.

\*\*\*

**Como citar:**

BOYCE-DAVIES, Carole. Ocupando o terreno: revisitando Além dos significados de Miranda: des/silenciando o ‘terreno demoníaco’ da mulher de Calibã”. *Revista Transversos*. Dossiê: O protagonismo da mulher negra na escrita da história das Áfricas e das Américas Ladinhas. Rio de Janeiro, n.º. 21, 2021. pp. 251-264. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2021.57050.

